

## OS CÃES DO INFERNO A SERVIÇO DE DEUS\*

MARIA LUIZA MARQUES ABAURRE  
Universidade Estadual de Campinas-Pós Graduação

Muitas maravilhas achei no reino de Logres e,  
graças a Nosso Senhor, ainda nom achei aventura  
tam esquiva a que nom desse cabo, fora esta da  
besta ladrador. Porém me vou pós ela.

### **Demanda do Santo Graal**

Desde que apareceram as primeiras manifestações literárias da Matéria de Bretanha, produzidas por Chrétien de Troyes na corte da Champanha, durante o século XII, a história do Rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda tem sido alvo de inúmeros estudos por parte de medievalistas, filólogos e críticos literários, interessados em explicar a permanência de tal matéria nos meios literários, suas reelaborações, possíveis fontes e influências.

O presente trabalho vai procurar tratar de um dos aspectos envolvidos na versão portuguesa da **Demanda do Santo Graal**: a influência da Igreja Católica na reelaboração da matéria em circulação desde o século XII no texto que vai aparecer em Portugal durante o reinado de Dom Duarte. À primeira vista uma proposta como esta deve parecer muito ingênua. Afinal de contas, como o próprio nome indica, trata-se da **Demanda do Santo Graal**, que como se sabe, é uma versão cristianizada elaborada a partir da obra inacabada de Chrétien de Troyes, **Perceval** ou **Le Conte du Graal**, cuja primeira tentativa de "adaptação" aos ideais cristãos foi feita

---

\* Agradeço à Dra. Yara Frateschi Vieira pela leitura de uma primeira versão deste texto e pelas sugestões que em muito contribuíram para uma melhor elaboração das idéias aqui apresentadas.

em fins do século XII por Robert de Boron, aparecendo sob o título de **Le Roman de L'estoire dou Graal**.

A minha intenção, contudo, não é a de afirmar o óbvio: que a Igreja se aproveitou de uma narrativa de grande penetração envolvendo elementos da mitologia celta, como o Graal, para associá-la a dogmas da fé cristã, como o sangue de Cristo crucificado, ou o cálice da consagração. Minha proposta é verificar, constatada a sacralização do Graal e consequente cristianização da **Demanda**, em que medida estas alterações adquiriram um caráter fundamental na estrutura da própria narrativa. Será que elas se limitaram à criação de uma nova personagem, Galaaz, um cavaleiro casto e puro, com todas as qualidades e virtudes necessárias ao herói da demanda? Acredito que não. Talvez tais alterações tenham atingido um nível bem mais profundo, de forma a não parecerem tão evidentes aos leitores/ouvintes. Teriam, assim, um maior poder de persuasão, já que não seria fácil identificá-las como uma "propaganda" católica.

Partindo deste princípio é que me proponho analisar um dos episódios mais tradicionais da **Demanda do Santo Graal**, na sua versão portuguesa, "As maravilhas da besta ladrador", presente nos §§ DCIX - DCXV, da edição feita por Joseph-Maria Piel e concluída por Irene Freire Nunes em 1988.<sup>1</sup>

**Maravilhas** - "Nunca de homem nem de mulher safu tam maravilhosa cousa como de tí sairá"

Em um livro intitulado **O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval**, o historiador Jacques Le Goff faz algumas observações importantes acerca do papel das maravilhas nos textos medievais. Suas reflexões são de grande interesse para este trabalho, na medida em que, ao tecer algumas considerações sobre as relações entre a Igreja católica e as maravilhas medievais, o autor toca nos dois pontos fundamentais do episódio que nos propomos examinar: a religião e os acontecimentos de ordem sobrenatural. Seu primeiro cuidado é no sentido de determinar a proveniência do maravilhoso; segundo ele, a sociedade medieval herdou o maravilhoso ao invés de produzi-lo, como poderia ser a conclusão mais tentadora para muitos de nós.

Todas as sociedades segregam (sic) - umas mais outras menos - maravilhoso, mas alimentam-se sobretudo de um maravilhoso anterior - no sentido baudelairiano -, de **antigas maravilhas**. Trata-se de um elemento muito importante de herança.<sup>2</sup>

Segundo Le Goff, é preciso observar que, ao contrário do que seria esperado, a Igreja não inventou maravilhas de caráter cristão. Utilizou-se, sim, inteligentemente, dos episódios maravilhosos provenientes da cultura e do imaginário popular em benefício próprio. Nesse sentido, seria recomendável uma pesquisa mais detalhada antes de afirmarmos que o caráter excessivamente maravilhoso da **Demanda** deve ser atribuído à Igreja. Como Le Goff observa a respeito do maravilhoso cristão,

há-o, sem dúvida; mas não representa no cristianismo nada de essencial, pelo que tenho a impressão de que se formou apenas porque já havia essa presença e essa pressão de um maravilhoso anterior, perante o qual o cristianismo não podia deixar de pronunciar-se, de tomar posição. O sobrenatural, o miraculoso, que constituem o que é o princípio do cristianismo, parecem-me diferentes, por natureza e função, do “maravilhoso”, **embora tenham marcado com o seu selo o maravilhoso cristão**<sup>3</sup>.

Nesse sentido, podemos também identificar o “selo” da Igreja nas maravilhas da **Demanda**. Logo no § 16/vol. I, ao anunciar a vinda de Galaaz, o homem boô diz:

Rei Artur, eu te trago o **cavalleiro desejado**, aquele que vem do alto linhagem del-rei David e de Josep Baramatia, **por que as maravilhas desta terra e das outras haverám cima**<sup>4</sup>.

A chegada de Galaaz irá alterar consideravelmente os destinos dos cavaleiros da Távola Redonda que, de protagonistas que eram até então, passam a meros coadjuvantes da nova personagem criada para solucionar todos os mistérios presentes na demanda do Graal. Cabe, nesta altura, uma pergunta óbvia: por que nenhum dos cavaleiros, à exceção de Galaaz, estava a altura da tarefa a ser cumprida pelo cavaleiro eleito, eles que compunham a “fina flor” da cavalaria? Qual a verdadeira natureza da tarefa a ser realizada? Seria ela realmente a demanda do Graal ou haveria algo muito maior por trás deste objetivo “declarado”?

A leitura atenta da **Demanda do Santo Graal** deixará claro que o objeto Graal, apesar de toda a importância adquirida após sua sacralização, é um pretexto para que, em cada um dos episódios, seja reafirmada a glória de Deus. Os cavaleiros parecem ser meros joguetes nas mãos do

destino, e a sua aparente impossibilidade de determinar os rumos que desejam tomar faz com que se tenha a sensação de que a noção de livre arbítrio (presente principalmente nas obras de Santo Tomás de Aquino), tão cara à ortodoxia católica, está sendo desrespeitada. Eles estão sujeitos a toda sorte de revezes, dos quais só escaparão com a intervenção da Providência Divina<sup>5</sup>.

Se voltarmos nossa atenção para os cavaleiros que podiam ser encontrados nos textos anteriores à **Demanda** cristianizada e que, certamente, serviram de fonte para a sua composição, chegaremos a identificar alguns possíveis candidatos ao “posto” de cavaleiro eleito, como Boorz, Persival, Lançalote ou Sir Tristam. Contudo, cada um deles apresenta uma característica que, aos olhos da Igreja, é considerada um sinal de fraqueza e imperfeição.

Boorz e Persival, a despeito de todos os seus esforços, não foram capazes de se manterem virgens e, como se pode inferir da leitura da Bíblia ou mesmo dos filósofos cristãos, a castidade é uma virtude que deve ser cultivada, mas sua prática não é suficiente para os verdadeiros apóstolos do Senhor, deles espera-se mais: a virgindade. Lançalote poderia ser escolhido pelo seu valor como cavaleiro: era o melhor dentre os que tinham assento assegurado na Távola Redonda. Mas havia um grande pecado em sua vida: a ligação adúltera com a rainha Genevra, esposa de Artur. Ao manter uma relação amorosa com Genevra, Lançalote cometia uma dupla traição: ao rei e ao amigo. Tal fato é, sem dúvida, imperdoável aos olhos da Igreja católica. Por fim, um outro cavaleiro a ser lembrado como possível candidato ao posto de cavaleiro eleito é Sir Tristam, não fossem, evidentemente, suas relações com a rainha Iseu, relações estas, que acabam por assumir uma conotação incestuosa visto ser ela a esposa de seu tio, o rei Mars.

Como podemos perceber, a melhor alternativa para os responsáveis pela cristianização da **Demanda** foi a criação de uma personagem dotada das características necessárias ao cavaleiro eleito. Surgiu, então, Galaaz, personagem marcada pela função de desempenhar o papel de herói da **Demanda** cristianizada. Descendente de Davi, como o próprio Cristo; sua imagem será deliberadamente moldada segundo a descrição do Salvador presente na Bíblia. Vejamos de que maneira essa superposição de imagens ocorre no interior da **Demanda**.

Em primeiro lugar, Galaaz aparece em meio aos cavaleiros da Távola Redonda sem que nenhuma porta seja aberta para lhe dar passagem. Abençoa em seguida os presentes, como o Cristo costumava fazer com seus apóstolos. A chegada de Galaaz pode, assim, ser comparada com o momento em que o Cristo ressuscitado aparece aos apóstolos reunidos.

Aveo que entrou Galaaz armado de loriga e bavo-neiras e d'elmo e de dous sobressinaes d'eixamete vermelho. E depos elle chegou o ermitam que lhe rogara que o leixasse andar com elle, e trazia uũ manto e ùa guarnacha d'eixamete vermelho em seu braço. Mas tanto vos digo que **nom houve no paaço que podesse entender per u Gallaaz entrara, ca em sua vinda nom abriram a porta, nem ouvirom abrir a porta nem ouvirom abrir nem freesta**. Mas do ermitam nom voz digo, ca o virom entrar pella porta grande. E Galaaz, tanto que foi no meo do paaço, **disse** assi que todos ouvirom: **Paz seja convosco**<sup>6</sup>.

São João, em seu evangelho, descreve a aparição de Cristo a seus apóstolos, após a ressurreição:

Chegada, pois, a tarde daquele dia, que era o primeiro da semana, e **estando fechadas as portas da casa** onde os discípulos se achavam juntos, com mêdo dos judeus, **veio Jesus**, e pôs-se no meio dêles, e **disse-lhes: A paz seja convosco**<sup>7</sup>.

Assim como, através da vinda de Jesus, seus discípulos, e, por extensão, os homens, receberam a luz do Espírito Santo, os cavaleiros da Távola Redonda, após a chegada de Galaaz, foram iluminados pelo Espírito através da aparição do Graal. Não podemos nos esquecer de que o próprio rei Artur se refere a Galaaz como o "mestre" de todos os cavaleiros<sup>8</sup>. As semelhanças entre Galaaz e Jesus são inúmeras, identificáveis a cada aventura completada pelo cavaleiro eleito. Não há, evidentemente, uma identidade total entre ambos. Afinal de contas, o filho de Deus era único. Por isso, em muitos momentos, Galaaz aparece como uma figura composta, cujas características principais podem ter origem no próprio Cristo ou em seus apóstolos (como parece ser o caso da cena de "exorcismo" descrita no § 378, vol. II). Mas, sem que nos percamos em detalhes, é preciso identificar um outro aspecto muito importante que merece considerável destaque na **Demanda** cristianizada. Refiro-me ao tom de parábola assumido em alguns trechos da narrativa, quando o homem boõ explica o significado das maravilhas resolvidas por Galaaz (um bom exemplo é o da "Aventura do mosteiro", §§ 60-2, vol. I); da mesma forma que Jesus interpretava as parábolas no Novo Testamento, o homem boõ fornece aos leitores/ouvintes da **Demanda** a significação dos feitos de Galaaz, todos eles

relacionados, obviamente, a dogmas da religião católica. Tem-se a sensação de que se houvesse uma única possibilidade de o sentido da aventura não ficar claro (e aqui lembramos que todas as aventuras acabam desempenhando um papel importante na afirmação da glória de Deus), essa possibilidade deveria ser afastada pela interpretação fornecida pelo homem boô. De tal forma que cada um dos episódios passa a apresentar uma estrutura semelhante a das parábolas relatadas por Cristo na Bíblia.

Constatadas estas semelhanças entre o texto bíblico e a **Damanda do Santo Graal**, podemos passar à análise do episódio escolhido "As maravilhas da besta ladrador".

## A DONZELA E O DEMÔNIO

Deve parecer estranho que, justamente em um texto altamente cristianizado, seja possível encontrar um episódio que tematize os piores pecados que podem ser cometidos pelos homens, aos olhos da Igreja católica: incesto, fratricídio, pacto com o demônio e tentativa de suicídio. Certamente, o Pe. Augusto Magne, organizador da primeira versão completa da **Damanda** em língua portuguesa, achou que algumas passagens do episódio da besta ladrador eram "fortes" demais para serem lidos por leigos desavisados, decidindo "cortá-las" do texto final. Curiosa decisão, pois, como veremos no decorrer deste trabalho, o padre eliminou os trechos mais importantes para a afirmação da glória de Deus. (A análise que iniciaremos a seguir tornará mais clara esta afirmação).

Ao chegar ao castelo do rei Peles, logo após presenciar o extermínio da besta ladrador, Galaaz pede ao monarca que esclareça a origem do monstro; ouve, então, maravilhado, a história dos dois filhos do rei Hipómenes.

Desde o primeiro momento o relato do rei Peles estabelece um confronto entre a donzela e seu irmão, merecendo uma ênfase especial a vida regrada do donzel, voltada para o serviço do Senhor.

A donzela havia uũ irmão de tam boa vida e de tam gloriosa contra Nosso Senhor, que maravilha, e com todo esto, era tam fremoso e tam sisudo e de tam boa graça que nom a homem que o conocesse que se nom maravilhasse por sa vida e por sa fazenda. E era muito letrado<sup>9</sup>

As intenções do filho do rei Hipómenes ficam bem claras quan-

do, ao descrever sua surpresa ante as revelações da irmã, o narrador acrescenta as seguintes informações a seu respeito:

e aquel, que era virgem e que o queria seer em todo-los dias da sa vida e que se deitava a servir nosso Senhor de todo seu poder, houve gram pesar<sup>10</sup>

Como podemos constatar pelos trechos citados, sua vontade era a de servir ao Senhor durante todos os dias de sua vida. Em contrapartida, sua irmã é descrita como sendo uma mulher muito sábia, que a todos superava em beleza e dedicação aos estudos.

E era muito letrado [o irmão], mas a donzela chos, ca ela avia consigo os milhores mestres do mundo que lhi ensinavam as VII artes quanto eles mais podiam. Quando chegou a idade [de] XX anos, foi tam entendida e tam sabedor que todos se maravilhavam por sa sabedoria, e nom lhi saberiam perguntar ren de clarizia a que ela nom respondesse compridamente. Mas nom estudava em nenhũa arte tam de grado como em nigromancia<sup>11</sup>.

Salta aos olhos que a comparação entre os irmãos é feita de modo a destacar as virtudes do donzel. Cada característica atribuída à donzela contribui para diminuí-la sob o aspecto cristão. Com certeza ela estava desempenhando um papel masculino ao interessar-se por estudos e, principalmente, ao superar seus mestres nas discussões sobre “clarizia”. A este respeito é muito esclarecedora uma observação feita por Santo Agostinho nos §§ 54-5 do Livro X das **Confissões**.

**Este desejo curioso disfarça-se sob o nome de “conhecimento” e “ciência”.** Como nasce da paixão de conhecer tudo, é chamado nas divinas **Escrituras a concupiscência dos olhos**, por serem estes os sentidos mais aptos para o conhecimento. (...)

**É ainda a curiosidade que, com o mesmo intuito de alcançar uma ciência perversa, faz o homem recorrer às artes mágicas<sup>12</sup>.**

Santo Agostinho identifica a curiosidade como um pecado, comparável, por exemplo, à gula ou à vanglória, estando certo de que o destino do “curioso” é o caminho da perdição. Suas reflexões levam a

uma interpretação do comportamento da donzela, no episódio em análise, como determinante da opção pelo caminho da magia negra. Corrompida pela falsa ciência, a filha do rei Hipómenes afunda-se cada vez mais no terreno dos pecadores. Perdida sua pureza espiritual, ela, que nunca havia conhecido o amor, apaixona-se pelo próprio irmão.

É possível identificar duas “forças” antagônicas no interior deste episódio em particular, e da **Demanda** em geral. A primeira “força” teria características negativas, e estaria associada ao Demônio, aparentemente bem sucedido em suas tentativas de conduzir personagens ao pecado. A segunda “força” seria benéfica, associada à Providência Divina, de atuação mais irregular e imprevisível, podendo tanto evitar uma catástrofe (v. nota 6) como permitir que ela aconteça sem que nada seja feito para evitá-la. Há, à primeira vista, uma falta de equilíbrio entre estas forças, já que a atuação do Demônio é muito mais contundente e aparentemente mais bem sucedida do que a da Providência Divina. O desequilíbrio existe de fato, mas não da maneira esperada: independentemente do que faz o Demônio, e nesse sentido, independentemente também de suas aparentes vitórias, a Providência Divina sempre triunfará, de forma que os próprios pecados cometidos sirvam para glorificá-la. É isso que ocorre na “besta ladrador”.

No início do episódio, como já observei anteriormente, há uma posituação da personagem masculina e uma negativização da personagem feminina, o que é perfeitamente compreensível se considerarmos os padrões bíblicos. O motivo que leva a filha do rei Hipómenes a pecar é o mesmo que levou Eva a tentar Adão, e fez com que ambos fossem expulsos do paraíso: a vontade de adquirir conhecimentos que igualem o homem aos deuses. Não é preciso ser nenhum grande filósofo cristão para saber que o papel destinado à mulher não é o de se dedicar aos estudos e a discussões com doutores. Como vimos, Santo Agostinho já encarava o desejo de aprender como um pecado - a concupiscência dos olhos - a ser evitado a todo custo. Se o papel da mulher não é o de estudar, a donzela, ao fazer tal opção, estaria indo contra a sua natureza (tal como definida pela Bíblia) e predispondo-se, portanto, ao pecado. Étienne Gilson, ao discutir questões relativas à lei e à moralidade cristã, oferece-nos a seguinte definição de pecado:

Por definición, en efecto, el pecado **es un acto desordenado, es decir, contrario al orden que prescribe la naturaleza del que lo ejecuta**<sup>13</sup>.

Todos os atos da donzela vão contra a sua natureza<sup>14</sup>: sua in-

clinação para os estudos, o fato de superar a todos em sabedoria, seu desejo pelo próprio irmão (sendo este, evidentemente, o pior de todos)... É importante verificar que a tentação que leva ao pecado não parte explicitamente do Demônio, como ocorre em outros episódios, mas é fruto de uma decisão racional da donzela. Ela **escolheu** dedicar-se à necromancia, **escolheu** tentar seduzir o próprio irmão e **escolheu** tentar suicidar-se. A partir deste momento, porém, a aparição do Demônio passa a guiar seus atos.

Por que não teria sido o Demônio quem fez com que a donzela decidisse estudar magia negra? Por que o Demônio não permitiu que ela se suicidasse? Estas duas questões devem ser cuidadosamente respondidas, porque delas depende a interpretação e até mesmo a compreensão do episódio. O que aconteceria se a donzela morresse? Nada; absolutamente! Ou melhor, o “mal” triunfaria, já que o suicídio é o pecado mais grave previsto pela religião católica (o homem não pode se recusar a receber a maior graça que Deus lhe concedeu: a vida. Tanto é assim, que os suicidas não têm o direito de ser enterrados em solo sagrado, punição a que nenhum outro pecador está sujeito, nem mesmo os assassinos...). Mas, sem dúvida, não ocorreria nada de novo, ou que já não estivesse previsto. Em contrapartida, a aparição do Demônio faz com que uma série de novos acontecimentos ocorram, o que vem a alterar radicalmente o final: o que seria apenas a morte de uma pecadora transforma-se em um exemplo da glória de Deus (note-se que esse mesmo final seria negativo, no caso de o suicídio ter sido bem realizado). A morte ocorreria e seria esquecida, como tantas outras ocorridas em outros momentos da demanda, mas a besta ladradora, sinal da Justiça Divina e do poder de Deus, atravessa todo o texto lembrando aos pecadores da punição que os espera.

Não é à toa que a Igreja cultua seus mártires. Para a afirmação da fé é necessário o sofrimento, a aparente injustiça contra os cristãos, porque só assim Deus pode se manifestar, vir em socorro a seus fiéis, reparar injustiças. O que poderia ser feito caso a donzela consumasse sua intenção suicida? Nada, porque seus pecados já a haviam condenado de maneira definitiva; a única forma de reverter uma situação tão favorável às forças do mal, seria voltar essas forças contra um perfeito cristão para que, aí sim, a Justiça Divina se manifestasse. Deus não poderia interferir no destino de uma pecadora, porque ela o havia livremente escolhido. Porém, Ele não somente poderia, como deveria, atender às preces do bom donzel. Fica clara, então, a fala do rapaz no momento em que vai ser lançado aos cães. Como o próprio Cristo, ele se submete a uma injustiça para que do embate entre Deus e o Demônio, este não tivesse a menor chance de sair vencedor.

“Irmaã, tu sabes que me fazes morrer a torto e que eu nom mereço esta morte de que me fazes morrer (...). **Tu me fazes sofrer vergonha sem mericimento, mas aquele (que) me vingará, que prende [vingança] das grandes deslealdades do mundo.** E a vacença do que tu trages, parecerá que nom foi de mim, ca nunca domem nem de molher saiu tam maravilhosa cousa como de ti s[a]irá; que diaboo o fez e diaboo trages e diaboo sairá em [se]melhança da besta mais desassemelhada que nunca homem viu. E porque a câ[e]s me fazes dar, averá en aquela besta d[e]ntro em si câ[e]s que sempre ladrarám em renembran[n]ça e en referimento dos cães a que tu me fazes dar. E aquela besta fará muito dano em homões bõos, e ja mais nom que[a]ra de fazer mal ata que o bõo cavaleito que averá nome Galaaz como eu será en (e)sa caça. Por aquel e por sa vīinda morrerá o door[o]so fruto que de ti sairá”<sup>15</sup>.

Nesse sentido, a besta ladrador perde o caráter demoníaco para passar a ser vista como concretização da fala do donzel antes de morrer. Cumpre-se a “maldição” do feto que se transforma em afirmação dos poderes de Deus: o donzel foi sacrificado, mas, como prova de sua inocência, o filho de sua irmã é uma besta monstruosa (gerada em uma relação com o próprio Demônio), que irá vagar pelo mundo até que o cavaleiro eleito possa, em nome de Deus, dar cabo das maravilhas do reino de Logres. Deve-se ressaltar que a fala do donzel é muito importante, porque determina uma característica fundamental da constituição do ser monstruoso que irá nascer de sua irmã. A besta **ladrará**, ou seja, através de sua fala que amaldiçoa o fruto da relação demoníaca, o donzel atribui ao monstro justamente a característica que fará com que ele assuma o papel de **arauto** da justiça divina.

Voltando às duas questões feitas e ainda não respondidas: por que não foi o Demônio quem tentou primeiramente a donzela?; por que ele não permitiu que ela se suicidasse? Com relação à primeira pergunta, a resposta é relativamente simples. Como vimos, Deus criou o homem livre, senhor do próprio destino, mas com uma natureza definida no momento da criação. Ora, para que o pecado se configure, é preciso que a escolha do caminho do mal seja fruto de uma operação racional, consciente. Por isso é a donzela quem tem que decidir estudar necromancia. Se ela o fizesse influenciada pelo Demônio, não estaria cometendo um pecado, na medida em que seus atos não seriam responsabilidade sua. Feita a escolha, e

portanto cometido o pecado, é preciso, agora, que o Demônio se manifeste e altere o rumo das coisas, porque, senão, Deus não poderá interferir. Como poderia Ele impedir que a donzela cometesse o suicídio se, ao criá-la, concedeu-lhe o direito ao livre arbítrio? É exatamente a influência do Demônio a dirigir seus atos e, principalmente, o fato de um bom cristão estar sendo injustiçado que configura uma nova situação. Aos cristãos é assegurada a proteção divina. Assim sendo, Deus tem, não somente o direito, mas principalmente o dever de agir e de promover a justiça, para que não restem dúvidas quanto à honra do donzel, vítima da pérfida trama urdida por sua irmã e pelo Demônio. Essa obrigação se torna ainda maior se o que estiver em jogo, como neste episódio, for uma vida humana<sup>16</sup>.

**CONCLUSÃO** - "Aleluia; a salvação, e a glória, e o poder ao nosso Deus; porque verdadeiros e justos são os seus juízos"

Procurei deixar claro, no começo deste trabalho, o meu propósito: verificar quão profundo foi o processo de cristianização efetuado na **Demanda do Santo Graal**. Havia mencionado, então, a necessidade de se examinar o efeito provocado pelos cortes realizados pelo Pe. Augusto Magne em sua edição da **Demanda** feita em 1944, e dizia que ao final deste trabalho seria possível demonstrar que, expurgando o texto de algumas passagens "mais fortes", o Pe. Magne, em lugar de ajudar à manutenção dos preceitos da religião católica, estava, na verdade, contribuindo para que eles ficassem seriamente comprometidos no interior da **Demanda**. Penso ser chegado o momento de esclarecer melhor esta afirmação.

Por tudo o que foi dito até aqui, pode-se identificar alguns trechos do episódio analisado como fundamentais para que o triunfo de Deus fosse inequívoco. Esses trechos são justamente os que deixam claro quais foram as opções feitas pela filha do rei Hipómenes: sua entrega ao Demônio, mesmo depois de identificá-lo; a acusação feita ao irmão perante seu pai, que acabou por condená-lo a uma morte horrível... Aqueles que parecem ser, portanto, os momentos-chave para o desenrolar da trama **não constam da edição feita em 1944**.

Penso que, ao realizar tais "cortes", o padre comprometeu a estrutura do episódio da "besta ladrador", porque supressão dos trechos identificados prejudica a possibilidade de compreensão do episódio.

Isso porque, como se pode perceber, os trechos excluídos contribuiriam para que o leitor entendesse a natureza da relação da donzela com o Demônio e, principalmente, o **motivo** pelo qual o donzel é condenado (já que a fala em que ela o acusava de se ter deitado com ela foi retirada).

da); sem esses trechos, toda a fala deste a respeito da maldição que recairá sobre o fruto daquela união demoníaca - justamente a **besta ladrador** - perde o sentido. Como procurei demonstrar em minha análise, é através da explicitação da influência do Demônio sobre a donzela (conseguindo fazer com que ela provoque a morte de seu irmão), que a interferência da Providência Divina é justificada. Como fica, nesse caso, a compreensão do episódio? Parece que, mais uma vez, a cegueira de alguns membros da Igreja católica, na ânsia de evitar toda e qualquer situação moralmente comprometedor, acabou por interferir em uma estrutura mais profunda que tinha por objetivo a construção de situações em que a opção pelo caminho da religião católica fosse sem sombra de dúvida, a única possível. É a velha história do feitiço virar-se contra o feiticeiro...

Um outro aspecto relacionado ao episódio da "besta ladrador" e que merece, a meu ver, ser considerado para fins de análise, é a relação entre o monstro e a segunda besta descrita no "Apocalipse de São João", que, segundo os exegetas da Bíblia, representaria alegoricamente a falsa ciência, capaz de conduzir os homens à perdição. É preciso perceber o alcance destas semelhanças. No "Apocalipse...", Jesus aparece, tal qual um cavaleiro, montado em um cavalo branco e trajando uma roupa "salpicada de sangue". Voltando ao momento da chegada de Galaaz na Távola Redonda, veremos que ele também estava vestido de branco, com "dous sobressinaes de eixamete vermelho". A superposição de imagens e funções é evidente: os cavaleiros (Jesus e Galaaz) vieram ao mundo para redimi-lo; o primeiro, de seus pecados. O segundo, de suas maravilhas. Vale lembrar, também, que Jesus aparece como cavaleiro para exterminar a besta apocalíptica em um momento em que o mundo se encontra dominado pelo caos. Ora, o episódio da "besta ladrador", na **Demanda do Santo Graal**, ocorre quando grande parte dos homens que compunham a "fina flor" da cavalaria pereceu, na longa procura do objeto sagrado, e o reino de Logres está prestes a ser destruído pela guerra entre o rei Artur e seu sobrinho, Morderete.

Não teria condições de examinar mais exaustivamente as semelhanças identificáveis entre os dois monstros nesse momento, porque seria necessário verificar a existência de outros textos em que aparecem bestas semelhantes (tanto na Matéria de Bretanha, quanto em textos religiosos) para poder determinar quais seriam as relações entre os dois monstros, se estaríamos diante apenas de semelhanças ou se teria havido uma intenção de recuperar a besta apocalíptica no texto da **Demanda**.

Como espero ter deixado claro, o grau de complexidade do processo de cristianização da **Demanda do Santo Graal** é muito grande, transcendendo em muito a mera sacralização do objeto Graal. Em cada

episódio que compõe o livro é possível identificar uma série de trechos que possuem a função clara de reafirmar a glória de Deus. Por hora, satisfaço-me em tentar tornar um pouco mais clara a passagem da besta ladrador pela **Demanda do Santo Graal**, espalhando o pânico com os seus ladridos que, no meu entender, nada mais eram do que uma versão maravilhosa das trombetas do Arcanjo Gabriel, anunciando a chegada do Fim dos Tempos, a hora do Juízo Final, a derrocada dos poderes terrenos, o reconhecimento dos justos e fiéis seguidores de Deus...

**Assi como vos digo, gran tempo a que estas maravilhas aveerom. E assi acabemos nos. Amen.**

## NOTAS

1. Em alguns momentos, no entanto, farei referência também à edição preparada pelo Pe. Augusto Magne, em 1944, no sentido de apontar alguns cortes que foram efetuados na matéria original, provavelmente motivados por uma intenção moralizadora por parte do Pe. Magne. Chamo atenção para os cortes na medida em que eles me parecem prejudicar sensivelmente a compreensão do episódio da besta ladrador comprometendo, inclusive, uma melhor afirmação da glória e da justiça divinas, tematizadas no episódio em questão.
2. Le Goff, J. **O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval**. pág.21.
3. Id. *ibid.* (grifos meus) pág.21.
4. **Demanda do Santo Graal** (1988). pág.10.
5. Um exemplo claro desta contradição é o episódio em que Boorz quase mata Leonel, seu irmão; e, se não o faz, é porque uma voz vinda do céu o detém: "Filho Boorz, nom no feiras, ca o matarás!". Por intermédio da Providência Divina, uma chama desce dos céus e queima os escudos dos dois cavaleiros. Quando se recupera, Boorz ergue as mãos aos céus e agradece a Deus, que lhe ordena abandonar seu irmão e ir à procura de Persival. Boorz agradece mais uma vez, demonstrando total obediência ao Senhor: "Padre dos ceus, beento sejas tu, que te praz de me chamares pera o teu serviço" (**Demanda...** - pág.237/ vol. I). Étienne Gilson, ao discutir o livre arbítrio e a liberdade cristã, afirma: "Dios ha creado al hombre libre, porque lo deja la responsabilidad de su fin último. Es libre de elegir entre la vía que lleva a la felicidad y la que conduce a una miseria eterna". Tal raciocínio parece não poder ser aplicado a episódios como o acima referido, o que coloca em cheque o direito de o homem determinar o próprio destino, por pior que ele possa ser.
6. **Demanda...** (1988). § XVI. grifos meus.
7. Jo. 20, 19.

8. "Galaaz, vós sodes como **meestre** dos cavaleiros da Mesa Redonda e o melhor. Viinde adiante e fazed o juramente desta demanda". **Demanda...** (1944) - grifo meu. pág.79/ vol. I.
9. **Demanda...** (1988). § DCX.
10. Id. *ibid.*
11. Id. *ibid.*
12. Santo Agostinho. **Confissões**. (Col. Pensadores), pág.189, §§ 54-5 - grifos meus.
13. Gilson, É. **El Espiritu de la Filosofia Medieval**. pág.298 - grifos meus.
14. É preciso que se diga que **natureza**, aqui, deve ser entendida no sentido cristão. Segundo Gilson, *op. cit.* - pág.300, a questão da relação entre **natureza** e **pecado** deve ser encarada da seguinte maneira: "puesto que las naturalezas deben a Dios el ser naturalezas, para ellas es una sola y misma cosa apartarse de sus propias esencias y faltar a la regla sentada por Dios al crearlas. **Toda rectitud de la voluntad humana si mide, pues, en su acuerdo con la razón.** En este sentido, para emplear las vigorosas expresiones de San Anselmo, hay una verdad de la voluntad como hay una del juicio, y en realidad es la misma, puesto que, tanto en uno como en otro caso, **la rectitud consiste para el hombre en ajustarse a la ley divina, para pensar y querer como debe**". grifos meus.
15. **Demanda...** (1988). pág.420, § DCXIV.
16. Na Bíblia há inúmeros exemplos de situações semelhantes, a mais conhecida está no **Antigo Testamento**, no "Livro de Jó", quando Deus permite ao Demônio que tente o seu mais dedicado servo, Jó, dando autorização até para que ele fosse fisicamente ferido. Porém, uma importante ressalva é feita: "Disse, pois, o Senhor a Satanás: Eis que ele está na tua mão, conserva, porém, a sua vida [no caso, a vida de Jó]". Em: Jó 2, 6.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Textos:

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo, Ed. Paulinas, 1962. (Traduzida da Vulgata e anotada pelo Pe. Matos Soares). 15ª ed. 15ª ed.

A DEMANDA DO SANTO GRAAL. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988. (Edição de Joseph-Maria Piel concluída por Irene Freire Nunes).

DEMANDA DO SANTO GRAAL. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1944. 3 volumes. (Organização, prefácio e notas do Pe. Augusto Magne).

TROYES, Chrétien de. **Perceval ou Le Roman du Graal**. Paris, Gallimard, 1974. (Tradução e notas de Jean-Pierre Foucher).

## 2. Textos críticos e históricos:

AGOSTINHO. "Livro X". In: **Confissões**. São Paulo, Nova Cultural, 1987. (Coleção Pensadores).

BEZZOLA, Reto R.. **Les origines et la formation de la Littérature Courtoise en Occident** (500 - 1200). Paris, Champio, 1984.

DELUMEAU, Jean. "Les agents de Satan III - La femme". In: **La peur en Occident** (XIVe. - XVIIIe. siècles). Paris, Fayard, 1978.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do Feudalismo**. Lisboa, Editorial Estampa, 1982.

EVANS, Jonathan D. "Episodes in analysis of medieval narrative". In: **Style**. Illinois, Northern Illinois University Press, 1986. (volume 20, number 2).

GILSON, Étienne. **El Espíritu de la Filosofía Medieval**. Madrid, Rialp, 1981.

LAPA, Manoel Rodrigues. "A Matéria de Bretanha". In: **Lições de Literatura Portuguesa - Época Medieval**. Coimbra, Coimbra Editora, 1981. 10<sup>a</sup> ed. rev.

LE GOFF, Jacques. **O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa, Edições 70, 1983.

LOOMIS, Roger Sherman. **The Grail: from Celtic Myth to Christian Symbol**. New York, Columbia University Press, 1963.

MARKALE, Jean. **Le Roi Artur et la Société Celtique**. Paris, Payot, 1985.

RYDING, William. "The question of unity". In: **Structure in Medieval Narrative**. Paris, Mouton, 1971.

SARAIVA, António José. **O Crepúsculo da Idade Média em Portugal**. Lisboa, Gradi-va, 1988.